
O homem e a gente: intercomunicação humana de Ortega y Gasset, traduzido por José Carlos Lisboa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1973. 306 pp.

A obra original de José Ortega y Gasset “El hombre y la gente”, está dividida em dois livros – parte I e II. No livro traduzido para o português, aparece a obra completa. O objeto deste estudo serão os seis capítulos do

pensamento do filósofo espanhol, reunidos na obra 'El hombre y la gente II', cuja primeira edição (Revista de Occidente, Madrid) data de 1957. O livro analisado é a 7ª edição, de 1972.

A obra faz uma análise sobre o comportamento humano e as relações entre as pessoas. Ortega, na obra escrita em 1927, faz referência à solidão humana, que busca no amor uma forma de 'permutar duas solidões'. Na solidão, o homem é a sua verdade, mas na sociedade tende a ser a sua mera convencionalidade ou falsificação.

Os diversos graus de proximidade ou afastamento entre os seres humanos são analisados profundamente. No capítulo "El peligro que es el Otro y la sorpresa que es el Yo", o autor mostra a incapacidade do homem de conhecer profundamente o semelhante. Mesmo quando tem intimidade com alguém, este pode surpreender com atitudes que jamais se poderiam imaginar.

Ortega estuda entre outras coisas as origens do cumprimento, se remontando aos primórdios da humanidade, quando o homem encarava seu semelhante como um inimigo em potencial, sentimento que resiste ao passar dos séculos. A cerimônia do cumprimento está

baseada no temor de um ataque do próximo. Então, explica o autor, estender a mão demonstra uma espécie de reverência ao semelhante, ao mesmo tempo em que mostra que está desarmado e livre de 'segundas intenções'.

Ortega também aborda o *uso*, que são formas de comportamento humano que o indivíduo adota e cumpre porque não tem outra opção. Esse uso é imposto pelo entorno de convivência, pelos demais, pela gente, pela sociedade. O filósofo afirma que o uso não é iniciativa do homem e cita um exemplo: no cumprimento, o que se faz é dar a mão, sem entender porque é isso que tem que ser feito, e não outra coisa, quando encontramos um conhecido. "Essas ações não têm, pois sua origem em nós: somos meros executores delas (...). Quem é, porém, o sujeito originário e responsável por aquilo que se faz? A gente, os demais, 'todos', a coletividade – isto é: 'ninguém determinado'" (p. 47).

O autor conclui que as coisas são para o ser humano '*instrumentos para*' ou '*estorvos para*' sua vida. Não existe meio termo: ou as coisas ajudam ou atrapalham.

O filósofo espanhol também faz uma crítica contundente ao Estado que, onipotente e impes-

soal, determina e controla o comportamento da sociedade. A chamada sociedade nunca é o que o nome promete. Para Ortega é uma dissociedade, repulsão entre indivíduos.

Para conseguir um mínimo de sociabilidade e perdure a sociedade como tal, é necessário a intervenção do 'poder público' que, às vezes de forma violenta, faz funcionar esse poder de forma incontestável. É o que se chama Estado.

Jornalista e filósofo espanhol, José Ortega y Gasset (1883-1955) pertencia a uma família proprietária do jornal madrilenho "El Imparcial". Essa relação com o jornalismo foi essencial para o desenvolvimento de sua formação intelectual e seu estilo de expressão literária. Grande parte de seus escritos filosóficos foram produzidos a partir do contato com a imprensa. Ortega, além de considerado um dos maiores filósofos da língua espanhola também é lembrado como uma das maiores figuras do jornalismo espanhol do século XX.

Após se doutorar em Filosofia na Alemanha, em 1910, Ortega iniciou uma vida pública repartida entre a docência universitária e atividades políticas e culturais ex-

tra-acadêmicas, como proferir conferências pelo mundo.

Suas obras se revestem de um caráter extremamente crítico. Entre as mais polêmicas figuram, além de "El hombre y la gente", "Meditaciones del Quijote", "Que és filosofia?", "En torno a Galileo", "Historia como sistema" e "Rebelión de las masas".

A tradução para o português do livro "El hombre y la gente", de José Ortega y Gasset, foi feita por José Carlos Lisboa, em 1960. Na época, professor de Literatura Espanhola na Universidade Federal de Minas Gerais, ele se definia como "orteguiano" e especialista em matéria hispânica.

Lisboa também traduziu para o português, em 1957, uma importante obra de Miguel de Cervantes: *A Destruição de Numância*.

J. Carlos Lisboa, como gostava de assinar as suas obras, morreu em 1994, aos 92 anos.

A principal técnica usada por J. Carlos Lisboa em *O Homem e a Gente* (Rio de Janeiro. Revista de Occidente, 1973) é a tradução literal, palavra por palavra, mantendo rigorosamente a ordem sintática dos elementos do espanhol. Ele preserva exatamente os mesmos períodos e parágrafos do ori-

ginal, aproveitando a linguagem clara e simples de Ortega.

O maior perigo da tradução literal é que o sentido da palavra ou da frase pode não ser o mesmo do original, apesar de aparentemente expressar a mesma coisa. A tradução feita dessa maneira corre o perigo de ficar estranha para o leitor da língua portuguesa, pois dificulta a leitura e a compreensão.

Esse tipo de tradução é um procedimento legítimo quando existe no texto fonte uma correspondência precisa de estrutura e de significação e a equivalência se produz palavra por palavra. Neste caso, pode-se aplicar sem risco. Gerardo Vazquez-Aroya, em *Introducción a la Traductología* (1977, p. 257) garante que não há riscos de cometer equívocos na tradução de duas frases, se “existe entre ellas una correspondencia precisa de ‘estructura’ y de ‘significación’, y la equivalencia se cumple monema por monema”.

A grande desvantagem deste método, entretanto, é transformá-lo numa tradução mecânica e servil, conhecida também como ‘literalidade’, que pode provocar inúmeros erros. Mesmo no caso em que parece existir conteúdo similar numa palavra, pode não ha-

ver correspondência na forma. “Desafortunadamente, la gran desventaja (...) radica en que son muy pocos los casos que se prestan a su aplicación”, lembra Vasquez-Aroya (pág. 259).

Marcella Mortara (1996, p.112), alerta para a “armadilha da facilidade”. Ela garante que a maior dificuldade é a facilidade e o maior perigo é a semelhança entre as palavras. Mortara se refere à frequente analogia da estrutura da base, que pode levar o tradutor a deslizar no decalque: “Ainda que gramaticalmente correto, pode não ser a melhor versão; em certos casos, constatamos simplesmente a utilização de expressões não consagradas pelo uso, em outros, chegamos a decifrar, por baixo da construção habitual do português, a estrutura da frase original”.

A seguir, serão analisados 15 exemplos de frases da obra nas quais foram identificados alguns problemas de tradução:

Problemas semânticos:

A – Falsos amigos:

– “*Cuando, escrupuloso, anota los vocablos ‘estúpido’ o ‘mamarracho’ ...*” (p. 129)

– “*Quando, escrupuloso, anota os vocábulos ‘estúpido’ ou ‘mamarracho’ ...*” (p. 267)

Em espanhol, o adjetivo ‘estúpido’ representa somente aquele indivíduo que tem dificuldade para entender as coisas, ao qual lhe falta inteligência. Já em português, é muito mais usado para representar alguém grosseiro, bruto. Por esse motivo, na tradução não poderia ter sido utilizado o mesmo vocábulo.

– “... *por voluntad, descuido o azar...*” (p. 172)

– “... *por vontade, descuido ou azar...*” (p. 299)

Em português, a principal conotação da palavra *azar* é má-sorte, enquanto que no espanhol o sentido é de casualidade, acaso.

B – Palavras de conotação diferente:

– “*La vida es cambio*” (p. 33)

– “*A vida é troca*” (p. 192)

O ideal seria ‘A vida é mudança’. O sentido original se refere muito mais a mudança (pode ser de hábito) do que à troca de alguma coisa. No texto, *cambio* tem uma conotação de dinamismo, diferente da tradução.

Na seqüência, Lisboa conserta o equívoco traduzindo *cambio* (‘*Solo la muerte, al impedir un nuevo cambio, cambia al hombre...*’) por mudança (‘*Só a morte ao impedir uma nova mudança, muda o homem...*’).

– “... *como un latigazo de luz.*” (p. 62)

– “... *como uma chicotada de luz.*” (p. 214)

O sentido original se perde ligeiramente, ficando estranho aos ouvidos da língua meta. O que se pode interpretar como um ‘flash de luz’ no original, adquire um significado de castigo físico em português.

– “... *nos insufla de paso las ideas que...*” (p. 164)

– “... *nos insufla de passagem as idéias que...*” (p. 293)

O original tem o sentido de ‘ao mesmo tempo’, ou seja, uma ação simultânea. No português, adquire um significado de ‘transitório’, que não corresponde ao sentido da língua fonte.

C – Expressões idiomáticas:

– “*Estaba ahí, en nuestro contorno, y no nos habíamos fijado en ella...*” (p. 23)

– “*Estava aí, em nosso contorno, e não nos tínhamos fixado nela...*” (p. 183)

O uso do *fixar*, dá uma conotação mais incisiva do que o corriqueiro ‘*fijar*’ espanhol, que representa apenas um olhar descomprometido. Aqui, poderia ser usado ‘não a tínhamos notado’ ou ‘não a tínhamos visto’, que são

expressões mais comuns no português e refletiriam mais o sentido original. Mais adiante (p. 295), Lisboa se redime e substitui fijar (“... *si nos fijamos en la diferente fisionomia...*” (p. 166)) por atentar (“... *se se atentar na fisionomia diferente...*”).

Problemas sintáticos

A – Legibilidade

– “*A él le pasa lo mismo conmigo...*” (p. 28)

– “*A ele acontece o mesmo em relação a mim...*” (p. 187)

A construção sintática desta frase é estranha. Na tentativa de fazer uma tradução literal, Lisboa seguiu a ordem em espanhol, prejudicando o entendimento da frase. Uma alternativa seria ‘O mesmo acontece com ele em relação a mim’.

– “... *si se hubiera hecho la historia de la gesticulación...*” (p. 155)

– “... *se se houvesse feito a história da gesticulação...*” (p. 287)

Ao manter idêntica a estrutura sintática, o tradutor deixou a frase confusa, usando uma forma de escrita pouco usual no português. O ideal seria “se tivesse sido feita a história da gesticulação...”

B – Distribuição de ênfase:

– “*Por eso yo llevo años en silencio*” (p. 107)

– “*Por isso passo anos em silêncio*” (p. 250)

A pesar de muito parecida, a tradução dá a entender que a atitude é realizada periodicamente, enquanto que o original se refere a um fato determinado, no presente.

Mudança no sentido:

– “*Es contemplar el lenguaje desde el que habla y no desde el que oye...*” (p. 152)

– “*É contemplar a linguagem a partir do que fala e não do que ouve...*” (p. 285)

No original, Ortega se refere a um indivíduo (*‘el que habla (...), el que oye’*), ou seja, aquele que fala, aquele que ouve. No entanto, Lisboa confunde seu leitor ao não deixar claro que se trata de alguém. A tradução pode levar ao equívoco de que se está fazendo alusão ao resultado, ao objeto da fala, e não à pessoa que fala. O correto seria ‘contemplar a linguagem a partir daquele que fala, não a partir daquele que ouve’.

Problemas lexicais e de revisão:

– “... *desde dos centúrias se hacian ‘desertores’ – eremitas - ...*” (p. 122)

– “... *havia duas centúrias, se faziam ‘deserteiros’ – eremitas - ...*” (p. 260)

A palavra deserteiro não aparece nos principais dicionários de língua portuguesa, levando a crer que Lisboa a utilizou equivocadamente na sua tradução.

– “*Tú mismo, antes de serme el preciso Tú que ahora me eres, no me eras extraño: creía que eras como yo – alter -, otro pero yo, ego – alter ego. Mas ahora, frente a ti y los otros tús, veo que en el mundo hay más que aquel vago, indeterminado yo: hay anti-yos*”. (p. 39)

– “*Tu mesmo, antes de seres para mim o preciso Tu que agora me és não me eras que no mundo há mais do que aquele vago, indeterminado eu: ego – alter ego. Mas agora, diante de ti e dos outros tus, vejo que no mundo há mais do que aquele vago, indeterminado eu: há anti-eus.*” (p. 197)

Na tradução faltou uma frase inteira e ao mesmo tempo foi acrescentado uma oração completamente equivocada, comprometendo o sentido da colocação.

– “*... ni reflejos o tropismos zoológicos*” (p. 52)

– “*... nem reflexos ou tropismos geológicos*” (p. 206)

– “*... as ideas que queremos ex-*

pressar com lo que decimos ...” (p. 117)

– “*... as idéias que queremos expressar com o que fizemos ...*” (p. 257)

– “*Es esta una idea confusa que no tengo ahora tiempo de desmenuzar*” (p. 121)

– “*Esta é uma idéia confusa que não tenho que esmiuçar*” (p. 260)

O tradutor, através da tradução literal, em vários momentos, cai na armadilha dos falsos amigos, se baseando na semelhança gráfica e sônica de determinada palavra nos dois idiomas. Assim, a adapta morfológicamente ao português, mantendo a acepção original do espanhol e conferindo-lhe um significado inexistente em nosso idioma. Por esse motivo, a leitura da tradução em alguns momentos perde a fluência, dificultando a leitura e o entendimento da obra do filósofo espanhol.

Os pequenos problemas apontados, porém, não chegam a comprometer o sentido geral da obra de Ortega y Gasset. Mérito para o grande tradutor que foi Lisboa, por ter conseguido apresentar o importante legado do filósofo espanhol.

José Guillermo Culleton

UFSC